

A AUTOMEDICAÇÃO EM IDOSOS ADSCRITOS EM UMA UNIDADE INTEGRADA SAÚDE DA FAMÍLIA NO MUNICÍPIO DE JOÃO PESSOA-PB

Camyla Caroliny Neves de Andrade¹; Leônia Maria Batista²

¹Universidade Federal da Paraíba, camyla.andrade03@gmail.com

²Universidade Federal da Paraíba, leoniab@uol.com.br

Introdução: O Brasil está passando por um rápido processo de envelhecimento devido ao aumento da expectativa de vida, e isso tem se refletido na diminuição dos percentuais de mortalidade e de natalidade. Diante disso, os medicamentos constituem um instrumento importante na atenção à saúde do idoso. Entretanto, sua utilização elevada e sem orientação de profissionais de saúde pode ocasionar riscos à saúde (OLIVEIRA; BERNARDO, 2015).

A polifarmácia e o uso racional de medicamentos são temas que estão sendo muito discutido nos últimos anos, principalmente relacionado à pessoa idosa, pois, com o envelhecimento, alterações fisiológicas, especialmente hepáticas e renais, afetam as etapas de eliminação e metabolização de fármacos no organismo, ocasionando o aumento de efeitos adversos e as interações medicamentosas (COSTA; SOUSA, 2016).

O uso de medicamentos constitui-se uma realidade disseminada entre idosos, e pode estar relacionado a múltiplos fatores, como o aumento de Doenças Crônicas Não Transmissíveis (DCNT); a alta medicalização da saúde impulsionada pelo domínio da indústria farmacêutica; dentre outros. É possível observar que o uso frequente de medicamentos entre idosos pode ser visto não apenas como uma tentativa de tratar morbidades, mas, principalmente, como uma forma de amenizar condições comuns do envelhecimento (OLIVEIRA; SANTOS, 2016). O uso de vários fármacos, associado ou não com outras formas complementares de tratamento à saúde, é uma prática comum entre idosos que, muitas vezes, tem sido referida na literatura como um problema atual por causa de diversas intercorrências originadas de reações adversas e aos custos para o sistema de saúde (OLIVEIRA; SANTOS, 2016).

No Brasil, a polifarmácia é caracterizada pelo uso desnecessário de no mínimo um medicamento e/ou a utilização de cinco ou mais medicamentos associados. Os idosos, em sua maioria, fazem uso, em média, de dois a cinco medicamentos diariamente, tornando-os mais sensíveis às reações adversas, interações medicamentosas e toxicidade. Além disso, nessa faixa etária é comum se deparar com prescrições de doses e indicações inadequadas, redundâncias e o uso de medicamentos sem necessidade terapêutica (OLIVEIRA; BERNARDO, 2015; BEZERRA; BRITO; COSTA, 2016).

O consumo de medicamentos sem prescrição de um profissional de saúde habilitado (automedicação) tem se tornado um dos problemas provenientes desse uso pela população idosa (OLIVEIRA et al., 2012). De acordo com a Agência Nacional de Vigilância Sanitária (ANVISA), automedicação é a utilização de medicamentos por conta própria, ou por indicação de pessoas não habilitadas para o tratamento de doenças com o intuito de tratar doenças autodiagnosticadas ou sintomas que são percebidos pelo usuário sem avaliação do profissional de saúde (SCHMID; BERNAL; SILVA, 2010).

A automedicação pode ser praticada de diversas formas, como por exemplo, a obtenção de medicamentos sem prescrição, o compartilhamento dos medicamentos com membros da família ou do convívio social, a reutilização de sobras de medicamentos de tratamentos antecedentes e a utilização de prescrições antigas. A prática da automedicação é muitas vezes influenciada por amigos, balconistas de farmácias e pelos familiares (BECKHAUSER et al., 2010). Também estão incluídas nesse contexto as terapias caseiras ou práticas complementares quando seguidas sem prescrição para tratar as doenças ou seus sintomas. A automedicação faz parte do autocuidado junto com ações relacionadas à higiene, nutrição e atividades físicas (WHO, 1998; WHO, 1987; Loyola et al., 2002; SOUZA, 2013).

A utilização de medicamentos dispensados sem prescrição é comumente aceita como parte integrante do sistema de saúde. Quando exercitado corretamente, a automedicação pode também colaborar para o alívio financeiro dos sistemas de saúde pública, com o apoio a indústria da automedicação, entretanto, o que acontece é o uso indiscriminado dos medicamentos (LIMA; RODRIGUES, 2006; NASCIMENTO; VALADÃO, 2013).

O ato de automedicar-se tem sido justificado pela população devido à falta de recursos empregados ao Sistema Único de Saúde (SUS), em que a espera do atendimento, a escassez de profissionais, ou ausência de unidades de saúde em alguns lugares do Brasil, desanimam a busca por serviços de saúde, aumentando assim a ida as farmácias (NASCIMENTO; VALADÃO, 2013).

Em meio a outras razões para a automedicação, podem-se citar as estratégias promocionais da indústria farmacêutica, as propagandas publicitárias de medicamentos, a falta de conhecimento acerca dos riscos e dos efeitos colaterais existentes, a facilidade de alcance sem a orientação de um profissional habilitado, o fácil acesso a informações sobre o medicamento na internet e nos balcões de farmácia, e a aflição desencadeada pelos sintomas ou doenças, que podem levar à realização dessas práticas e comportamentos “errôneos” por parte da população (AQUINO; BARROS; SILVA, 2010; ALBUQUERQUE et al., 2015). Entre os idosos, a prática da automedicação precisa ser avaliada mais atentamente, pois são observadas diversas desvantagens, como: gastos com medicamentos desnecessários, atraso no diagnóstico de outras doenças, tratamento inadequado, potenciais riscos de interações com os medicamentos prescritos, resistência bacteriana, reações adversas e intoxicação (COSTA; SOUSA, 2016).

Diante disso, esta pesquisa é de grande importância, visto que a automedicação é algo comum no dia-a-dia da população, inclusive a idosa, e que pode trazer diversos prejuízos à saúde. O objetivo deste trabalho foi avaliar a automedicação em idosos adscritos em uma unidade integrada saúde da família no município de João Pessoa.

Metodologia: Este trabalho consiste em um estudo transversal, descritivo e quantitativo, que teve como amostra 68 idosos adscritos na Unidade Integrada de Saúde da Família equipe Castelo Branco III no município de João Pessoa-PB. A coleta de dados foi realizada, durante o mês de janeiro de 2016, conforme a demanda espontânea dos idosos para a unidade de saúde e na disponibilidade em participarem da pesquisa.

O instrumento utilizado foi um questionário semiestruturado, composto por 10 questões, das quais 3 eram subjetivas e 7 objetivas. Os dados das questões objetivas foram sumarizados por análise descritiva, com cálculo de porcentagem por meio do programa estatístico SPSS (Statistical Program for Social Science) versão 20.0, já os dados das questões subjetivas foram avaliados fazendo referência a literatura e expressos na forma de tabelas.

Resultados e discussão: De acordo com os dados analisados foi possível observar que, dos 68 entrevistados, 61 idosos (94%) afirmaram que utilizam medicamentos por conta própria (automedicação). Isso demonstra que a automedicação é uma prática recorrente entre os idosos e

pode estar relacionado com a facilidade de acesso aos medicamentos, como também, facilidade de acesso às informações acerca da doença e do medicamento (AQUINO; BARROS; SILVA, 2010). Dos 61 idosos que praticam a automedicação, 67% são do gênero feminino, com idade entre 60 a 69 anos (54%), em sua maioria casados (67%), com renda familiar de até 1 salário mínimo (69%), 87% são aposentados e possuem o ensino médio completo (44%), conforme exposto na tabela 1.

Tabela 1 - Perfil sociodemográfico dos idosos praticantes da automedicação entrevistados

Gênero	n	%
Feminino	41	67
Masculino	20	33
Faixa Etária		
60 a 69 anos	33	54
70 a 79 anos	21	34
80 anos ou mais	7	12
Estado Civil		
Solteiro	4	7
Casado (a)	41	67
Viúvo (a)	15	24
União estável	1	2
Faixa de renda		
Até 1 salário mínimo	42	69
De 1 salário a 3	17	28
3 a 5 salários	2	3
Escolaridade		
Ensino fundamental incompleto	12	20
Ensino fundamental completo	11	18
Ensino médio incompleto	4	7
Ensino médio completo	27	44
Superior incompleto	2	3
Superior completo	5	8
Ocupação		
Desempregado	1	2
Aposentado/Pensionista	53	87
Autônomo	2	3
Do lar	5	8

Fonte: Dados da pesquisa

Em relação ao gênero foi observado que 67% dos usuários são do sexo feminino e 33% do sexo masculino. De acordo com Couto et al. (2010) as mulheres buscam mais serviços para realização de exames de rotina e prevenção, enquanto os homens procuram mais serviços de saúde por motivo de doença. De acordo com Loyola Filho et al (2002) e Cintra (2013), o elevado índice de automedicação entre as mulheres é atribuído pelo motivo delas buscarem os serviços de saúde com maior assiduidade do que os homens.

Com base na faixa etária dos entrevistados foi possível observar que 54% apresentam faixa etária entre 60 a 69 anos e 33% apresentam entre 70 a 79 anos. Os dados mostram que entre os idosos há uma utilização crescente de medicamentos com o avanço da faixa etária, dado este confirmado por Bertoli et al. (2004), e, provavelmente, está relacionado com o aumento das morbidades com o avanço da idade.

Ao avaliar a renda familiar dos entrevistados foi observado que 69% afirmaram possuir renda familiar de até 1 salário mínimo, 28% entre 1 a 3 salários mínimos, e apenas 3% de 3 a 5 salários mínimos. A automedicação não é determinada pela classe socioeconômica, na verdade, os motivos

que levam a automedicação é que diferem, pois os indivíduos que têm renda familiar baixa se automedicam pelo fato de não ter condições de pagar uma consulta médica, ou não querem demorar esperando uma consulta no serviço público de saúde, já os indivíduos com renda familiar um pouco mais alta, dispensam a consulta médica, por confiar nos medicamentos que julgam ter conhecimento dispensando o acompanhamento médico (CAMARGO et al., 2000).

De acordo com os dados analisados foi possível observar que 44% dos entrevistados possuem o ensino médio completo, 20% possuem o ensino fundamental incompleto e 18% apresentam ensino fundamental completo, 7% possuem o ensino médio incompleto, 8% possuem o ensino superior completo e 3% possuem ensino superior incompleto. O presente estudo não encontrou relação entre o grau de escolaridade dos entrevistados com a prática da automedicação, visto que tanto os usuários com maior grau de escolaridade quanto os de menor grau utilizam medicamentos por conta própria.

Quando foi avaliado a ocupação dos entrevistados foi observado que 87% aposentados/pensionistas, 8% são do lar, 3% autônomos e 2% são desempregados. As características sociodemográficas dos usuários de automedicação da unidade básica de saúde em questão vão de acordo a representação da população brasileira que utiliza os serviços públicos de saúde, sendo maioria mulheres e pessoas com 40 anos ou mais de idade (CARVALHO et al., 2005; FEITH et al., 2008).

Tabela 2 - Classificação dos medicamentos mais utilizados na automedicação

Classes Farmacológicas	n	%
Analgésicos e antipiréticos	54	15,5
Anti-inflamatórios	44	13
Antibióticos para uso sistêmico	27	8
Antiulcerosos e antiácidos	40	11,5
Relaxante muscular	39	11
Antiespasmódico	23	6,6
Anti-histamínicos	19	5,4
Antifúngicos	5	1,4
Antiflatulentos	7	2
Antiagregante plaquetário	33	9,5
Expectorantes	14	4
Antirreumáticos	5	1,4
Vitamina C	21	6
Descongestionantes nasais tópicos	10	3
Antiemético	8	2,3
TOTAL	349	100

Fonte: Dados da pesquisa

Os entrevistados quando questionados sobre os medicamentos mais utilizados sem a prescrição médica relataram os analgésicos e antipiréticos (15,5%), seguido dos anti-inflamatórios (13%), anti-ulceroso 11,5% (84), antiagregantes plaquetários (9,5%), os antibióticos para uso sistêmico 8%, e os antiespasmódicos (6,6%).

Observou-se que os analgésicos e antipiréticos foram os medicamentos mais utilizados na automedicação, ou seja, das 61 pessoas que afirmaram praticar a automedicação, 54 utilizam analgésicos e antipiréticos sem prescrição médica. Resultado semelhante a este foi encontrado por Bertoldi et al. (2004) onde os analgésicos apresentaram o maior percentual de uso, 26,6%.

A dor (cefaleia, dores musculares e dismenorrea) e a febre foram mencionadas por 67,5% dos entrevistados como os sinais e sintomas mais frequentes que induzem à prática de automedicação. Ascari et al. (2014) e Calixto et al. (2010) encontraram resultados similares a estes, 75% e 33,3%, respectivamente, em que as dores de cabeça, os sintomas da gripe e outros incômodos foram os

motivos pelos quais os entrevistados mais recorreram a automedicação. Outra pesquisa desenvolvida por Aquino et al. (2010) também apresentou resultados semelhantes ao do presente estudo, onde os analgésicos e anti-inflamatórios não esteroidais eram os mais utilizados pelos participantes da pesquisa (24%), indicando que, de forma geral, o ato de se automedicar está sobretudo relacionado ao tratamento da dor.

Os antiulcerosos e antiácidos representaram 11,5% dos medicamentos mais utilizados na automedicação. Esse resultado pode ter relação com a elevada utilização de analgésicos e anti-inflamatórios não esteroidais, estresse, má alimentação, fumo, ingestão de álcool e etc., os quais podem causar diversos efeitos indesejáveis, dentre eles as úlceras pépticas (VITOR et al., 2008; SILVA et al., 2013)

Quanto à utilização de antibióticos observou-se que 8% dos entrevistados fazem uso destes medicamentos. Segundo Aquino et al. (2010) a utilização de forma inadequada de antibióticos contribui para o aumento do mecanismo de resistência bacteriana, o que já é considerado um dilema na saúde pública mundial.

Conclusões: Diante deste estudo foi possível observar que a maioria dos idosos cadastrados na USF do Castelo Branco III que responderam a pesquisa praticavam automedicação, eram, em sua maioria, do gênero feminino, casados (as), com idade entre 60 a 79 anos, com ensino médio completo, aposentados e com renda familiar de até 1 salário mínimo. Os medicamentos mais utilizados na automedicação foram os analgésicos/antipiréticos e os anti-inflamatórios não esteroidais, como também os antiulcerosos e os antiagregantes plaquetários. Portanto, foi possível concluir que a automedicação é realmente uma prática disseminada entre os idosos e entre toda a população, tornando-se quase impossível de ser controlada, pois não existe nenhuma ação por parte das autoridades públicas com objetivo de desestimular à automedicação, no contexto nacional. Entretanto, por meio da atenção farmacêutica será possível esclarecer a população, de modo geral, sobre os riscos desta prática e dessa forma conscientizá-los sobre a necessidade do uso racional do medicamento, podendo contribuir para a diminuição desta atividade.

Referências Bibliográficas:

- AQUINO, D.S.; BARROS, J. A. C.; SILVA, M. D. P. A automedicação e os acadêmicos da área de saúde. **Ciênc. saúde coletiva**. 2010 jun; 15(5): 2533-8.
- ASCARI, R. A., FERRAZ, L., BUSS, E., RENNAU, L. R., & BEVILAQUA BRUM, M. L. Estratégia Saúde Da Família: Automedicação entre os usuários. **UNINGÁ Review**, v. 18, n. 2, 2014.
- BECKHAUSER, G. C., SOUZA, J. M. D., VALGAS, C., PIOVEZAN, A. P., & GALATO, D. Utilização de medicamentos na Pediatria: a prática de automedicação em crianças por seus responsáveis. **Rev Paul Pediatr**, v. 28, n. 3, p. 262-8, 2010.
- BERTOLDI, A. D., BARROS, A. J., HALLAL, P. C., & LIMA, R. C. Utilização de medicamentos em adultos: prevalência e determinantes individuais. **Rev Saúde Pública**, v. 38, n. 2, p. 228-38, 2004.
- BEZERRA, Thaíse Alves; DE BRITO, Maria Aparecida Albuquerque; COSTA, Kátia Nêyla de Freitas Macêdo. Caracterização do uso de medicamentos entre idosos atendidos em uma Unidade Básica de Saúde da Família. **Cogitare Enfermagem**, v. 21, n. 1, 2016.
- BRASIL. Ministério da Saúde. Sistema Nacional de Informações Tóxico-Farmacológicas. **FIOCRUZ**. 2012.
- CALIXTO, S. C. S.; FERREIRA, T. P. S.; BORGES NCR, AZEVEDO RMP, RIBEIRO AC. Análise da prática de automedicação nos pacientes atendidos na Unidade de Referência Especializada Demétrio Medrado. **Rev Bras Med**. 2010; 67(3).
- Carvalho MF, Pascom ARP, Souza-Junior PRB, Damacena GN, Szwarcwald CL. Características da utilização de medicamentos na população brasileira. **Cad Saúde Pública** 2005; 21:S100-S108.

COSTA, Josiane Moreira; SOUZA, Patricia Gabriely Oliveira. PERFIL MEDICAMENTOSO DE IDOSOS EM UMA INSTITUIÇÃO DE LONGA PERMANÊNCIA NO INTERIOR DE MINAS GERAIS. **Revista de APS**, v. 18, n. 3, 2016

COUTO, M. T., PINHEIRO, T. F., VALENÇA, O., MACHIN, R., SILVA, G. S. N., GOMES, R., FIGUEIREDO, W. D. S. O homem na atenção primária à saúde: discutindo (in) visibilidade a partir da perspectiva de gênero. 2010.

DE LOYOLA FILHO, A. I.; UCHOA, E.; GUERRA, H. L.; FIRMO, J. O.; LIMA-COSTA, M. F. Prevalência e fatores associados à automedicação: resultados do projeto Bambuí. **Rev Saúde Pública**, v. 36, n. 1, p. 55-62, 2002.

DE OLIVEIRA, Luciane Paula Batista Araújo; DOS SANTOS, Sílvia Maria Azevedo. Uma revisão integrativa sobre o uso de medicamentos por idosos na atenção primária à saúde. **Revista da Escola de Enfermagem da USP**, v. 50, n. 1, p. 163-174, 2016.

GROSS, A. O.; HAHN, G. V. AUTOMEDICAÇÃO EM PACIENTES CARDÍACOS. **Destaques Acadêmicos**, v. 4, n. 3, 2012.

LIMA, A. A. A. RODRIGUES, R. V. **Automedicação - O uso indiscriminado de medicamentos pela população de Porto Velho**. 2006.

NASCIMENTO, J. P.; VALADÃO, G. B. M. Automedicação: educação para prevenção. In: **Anais da Conferência Internacional de Estratégia em Gestão, Educação e Sistemas de Informação (CIEGESI)**. 2013. p. 813-829.

OLIVEIRA, C., BERNARDO, M. H. J. **Uso de Medicamentos em Idosos. Curso de Especialização em Saúde da Pessoa Idosa**. UERJ, 2015.

OLIVEIRA, Marcelo Antunes de et al. Automedicação em idosos residentes em Campinas, São Paulo, Brasil: prevalência e fatores associados. **Cadernos de Saúde Pública**, 2012.

SCHMID, B.; BERNAL, R.; SILVA, N. N. Automedicação em adultos de baixa renda no município de São Paulo. **Revista Saúde Pública**, São Paulo – SP, v. 44, n. 6, pg. 1039-1045, 2010.

Silva, J. D., Gomes, A. Z., Oliveira, J. D., Sasaki, Y. A., Maia, B. T. B., & Abreu, B. M. (2013). Prevalência de automedicação e os fatores associados entre os usuários de um Centro de Saúde Universitário. *Rev Bras Clin Med*, 11(1), 27-30.

SINITOX. Sistema Nacional de Informações Tóxico-Farmacológicas. Rio de Janeiro. 2013.

SOUZA, M. S., SOUZA, K. M., CORRÊA-FISSMER, M., LUNARDI-MAIA, T., & GALATO, D. Automedicação em crianças que procuram o serviço de emergência em um hospital no sul do Brasil. **Rev. Bras. Farm**, v. 94, n. 1, p. 54-58, 2013.

Vitor RS, Lopes CP, Menezes HS, e col. Padrão de consumo de medicamentos sem prescrição médica na cidade de Porto Alegre, RS. *Ciência & Saúde Coletiva* 2008;13(Suppl):737-43.

WHO - World Health Organization. The Rational Use of Drugs. Report of the Conference of Experts, 1985, Nairobi. **Geneva**; 1987.

WHO - World Health Organization. The role of the pharmacist in self-care and self-medication. **Geneva**; 1998.